

**RICARDO  
BRUGNI-CRUZ**

# TRÊS HISTÓRIAS



Este livro eletrônico é o sexto da “**Coleção Teal**”. O primeiro trouxe um diálogo entre Franklin Machado e Guido Guerra intitulado *Feira não perdoa quem não aceita convenção*. O segundo volume é constituído pela narrativa *O bocado não é para quem faz*, de Euclides Neto. O terceiro tem como tema e título – *Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*. O quarto volume, intitulado *A timidez escondida*, contém um diálogo entre Guido Guerra e Cid Seixas. O quinto, *Nos Tempos do Trabuco*, é formado por quatro contos de Cyro de Mattos.

Ricardo Brugni-Cruz

# TRÊS HISTÓRIAS

Organização, introdução e notas  
de Cid Seixas

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL



CONSELHO EDITORIAL:  
Alana Al Fahl (UEFS)  
Cid Seixas (UFBA/UEFS)  
Dante Lucchesi (UFF)  
Gildeci de Oliveira Leite (UNEB)

Tipologia: Amer Type Md BT, 15.  
Formato: 12 x 20 cm.  
Número de páginas: 82.

Copyright 2018

# SUMÁRIO

Um Grapiúna da Capital da Bahia .....	7
Resta o pó .....	13
Milena .....	27
Por Uma Noite com Lena .....	51
Obras do Autor .....	75
Sobre a Coleção Teal .....	79



O autor, em foto do álbum  
de família.

# UM GRAPIÚNA DA CAPITAL DA BAHIA

Cid Seixas

Foi a partir dos anos emblemáticos de 1968 que o nome Ricardo Cruz passou a ter existência no quadro da literatura, quando a editora Record publicou a antologia *Doze Contistas da Bahia*. Uma seleção muito estrita incluía um iniciante, ainda sem um só livro individual, o que, aliás, era a regra do jogo. Somente depois de participar de obras coletivas e obter alguma repercus-

são junto ao público, os autores se aventuravam a percorrer os caminhos solitários para neles encontrar os possíveis leitores.

Mas daí a pouco tempo, precisamente no ano de 1973, ele iria figurar em uma antologia publicada na Rússia, *K Iugú of Rio Grande*, juntamente a escritores consagrados como Julio Cortázar e outros mestres do gênero. O primeiro livro individual só veio em 1982, *Roteiro para uma tempestade*, quando a Literarte, uma livraria que marcou época na Bahia, a partir do final dos anos setenta, iniciou seu programa editorial, para o qual fui convidado a assumir a editoria, a convite de livreiro Getúlio Santana.

O início da trajetória de Ricardo Cruz foi marcado pela sua condição de escritor do ciclo do cacau, embora ele tenha nascido na Cidade do



Salvador e aqui desenvolvido suas atividades de estudante de medicina e, posteriormente, de psiquiatra e psicanalista. Aqui também integrou a chamada Geração Revista da Bahia, juntamente a escritores como Marcos Santarrita, Ildásio Tavares, Maria da Conceição Paranhos, Cyro de Mattos, Sônia Coutinho e outros.

Na verdade, ele viveu parte da infância e da adolescência no Sul da Bahia, num dos momentos cruciais de definição dos novos rumos da cultura cacaueira. Assim, o seu imaginário foi impregnado pelas marcas da grei. Foi assim também que o nome de escritor foi simplificado para Ricardo Cruz, de contundente brasilidade, em lugar do sobrenome familiar Brugni Cruz.

O crítico e também prosador Hélio Pólvora traça um perfil definitivo do autor:

“*Todas as Luzes do Mar* é um título sugestivo para um feliz livro de contos de RC, que já tem dois livros publicados, no gênero, e algumas histórias curtas em antologias brasileiras. Escritor quase veterano, portanto, e que escreve devagar, preocupado com a qualidade e sem querer forçar os favores da mídia, conquistou com recursos exclusivamente literários um lugar de relevo na contística baiana.

Neste seu novo livro – um dos anteriores, *Roteiro para uma Tempestade*, está ambientado na região cacauqueira, em momento de luta ideológica – ele muda de tom. Em vez da ênfase nos temas políticos, em vez de altear a voz nas denúncias, esforça-se para delinear um ficcionismo

em torno de personagens bem estudados, tanto nas ações quanto nos sentimentos.”

Fazendo um retrospecto do crescimento de Ricardo Brugni-Cruz enquanto narrador, Hélio Pólvora pontua:

“Quanto a *Benditos Perversos*, temos de convir que RC não faz ficcionismo erótico simplesmente pelo desejo de entrar na moda. Não, ele vai mais longe, ele desce fundo. Seus contos sobre desordens sexuais investigam, por trás de atos concretos ou desejos velados, os impulsos que deflagram a necessidade de desordem.”

E como modo afirmativo de admiração pela obra do autor, acrescenta ainda:

“Disso resulta uma tragicidade que, em contos exemplares, como «Rita (e a Paixão)», «O Desejo e sua Dança» e «O Cúmplice», está entranhada na vida, é a própria vida. Porque o desejo erótico, ao invés de apenas exaltar e transportar, é também arma de inquirição, metafísica, instrumento de castigo e submissão pessoal.”

Mais não é preciso dizer. Resta o julgamento imparcial e definitivo do leitor, pois é ele quem consagra ou condena as obras e os autores, ao longo do tempo e da história.

# RESTA O PÓ

Sou cúmplice de mim mesmo, único inventor de minha própria solidão. Por viver entocado, todos estes anos, buscando os escuros, como bicho do mato que não suporta a luz do dia. Não devo me queixar. Esperava o quê? Que Romana permanecesse passiva e resignada a meu lado, a suportar meu silêncio e idiossincrasias, sem aspirar a mais nada senão compartilhar o mesmo tédio? Então me vejo ranziando pelo apartamento agora vazio, atro-

pelando-me por entre quinquilharias arrebanhadas por toda parte: móveis antigos e objetos de arte e livros raros e muitos outros objetos e livros de nenhuma raridade, apenas coisas envelhecidas como eu. Já nem cuido das minhas coleções como antes, desisti de passar o tempo mudando-as compulsivamente de um lugar para outro, vexando-me por uma arrumação ordenada, cronológica, sempre insatisfatória, para finalmente deixá-los onde já se encontravam, a acumular pó, imóveis na sua eternidade. Destinados a se tornarem objetos inúteis, desprezados, como se jazessem ao acaso no fundo de uma caverna a espera que venham habitar nela morcegos, corujas e outros animais noctívagos.

Pequenas esculturas, espadas e velharias outras adquiridas com fervor quase religioso supondo eu tal-

vez que, ao adquiri-las, adquirisse alguma força mágica armazenada no interior delas, proveniente de uma suposta humanidade vaga e incerta, transmitida pelas mãos dos artistas que as esculpiram, moldaram ou forjaram; algum vestígio transcendental oculto e pulsante nas suas arestas e contornos, na densidade material de cada uma das peças por mim escolhidas: pequenos objetos em marfim, totens e máscaras africanas, *diablos* caribenhos em alabastro, orixás em prata devidamente paramentados, cangaceiros esculpidos em madeira ou eternizados no barro cozido; imagens de guerreiros etruscos em bronze e terracota; peixes, insetos e escorpiões capturados e fossilizados no âmbar milenar; miniaturas de deuses primitivos em ferro batido postados na rigidez de uma espera inútil por inúteis sacri-

fícios, ensimesmados em seus rituais eróticos e inférteis na matéria ferrosa congelada pelo tempo; alguns santos barrocos com suas faces pintadas e olhares vazios de mártires consumados, de acordo com a devoção do escultor, a fitarem, sem esperar nenhuma devolução, meu próprio olhar baço e cansado, como o olhar de um cego.

E mais livros. Muitos livros. Algumas edições francesas antigas (Vitor Hugo, Gide, Maupassant, Descartes e Flaubert, as minhas preferidas; uma edição sem data – em francês – da *Divina Comédia*), algumas raridades constantes do *Índex Prohibitorum*, dentre elas edição rústica (oitocentista, se não me engano) de uma pregação desembestada de Savonarola, e mais algumas edições clandestinas com registro de épocas diversas: *O Elogio da*



*Loucura, o Cândido, Decameron...*

Ah, pouco importa que tenham sido adquiridas em sebos de alguma esquina má afamada pelo mundo afora e que carreguem certa auréola de duvidosa e velhaca origem. Teriam sido adquiridos numa passagem por Toledo? Em alguma esquina de um bairro judeu em Granada? Em alguma livraria universitária em Évora? Não importa: são igualmente objetos da minha maior estima. E são eles exatamente, como eu, os que mais acumulam pó.

Essa mania desesperada de adquirir e colecionar artesanato, esculturas, livros, seja lá que quinquilharias sejam e que jamais passaram, na verdade, de mero e frio desejo de posse para alimentar a fantasia infantil (segundo Romana) do querer reviver, ao adquiri-las, ao tocá-las, o deslumbramento diante de cada lu-

gar visitado – o êxtase sentido diante de cada praça medieval cotidianamente invadida por multidões patéticas a se esgueirarem e a se espremerem por entre mercadores de todo tipo; deixar-me atrair por reproduções baratas e ato contínuo adquiri-las sem hesitação em cada museu, sinagoga, no *foyer* do Louvre, ou de qualquer catedral famosa, em algum museu da Escandinávia; uma ou outra peça de artesanato adquirida em bairros medievais, ou nas mãos enrugadas de algum vendedor estabelecido em volta das ruínas greco-romanas em Siracusa; algo (um cutedelo, espátula, um jogo de taças de estanho) para lembrar a aventura de ter transitado por labirínticas medinas entulhadas de mercadores de tapetes e artesanato árabe em Fez, em Casablanca?, e me perdido por entre vielas entulhadas também de

vendedores de tripa frita, de doces multicores, sortidas azeitonas, castanhas, tâmaras... Foi o que acabou por minar e destruir minha vida com Romana. Desconfio que esse impulso colecionador foi o único responsável pela barricada que acabei por construir à minha volta, esse pequeno universo que passei a habitar e a entulhar-me também nele, como se fosse o único lugar seguro e possível de habitar em todo o mundo...

Porque, quase sem perceber, passei unicamente a ocupar-me das minhas coleções, escravo da permanente arrumação e limpeza dessa barricada prenhe de objetos, sem dar-me conta que não passavam de destroços, pedaços de mim mesmo. Das minhas inúteis passagens e desejo de apegar-me a recordações. Recusava-me a ouvir a trepidação incessante da vida, os chamados e avisos

do mundo circulando e pulsando à *minha* volta. Através de Romana (como ela insistiu!) chegavam-me notícias do mundo lá fora. Ainda que por vezes me esforçasse em lhe prestar alguma atenção, em atender a seus chamados, suas demandas, logo me deixava vencer pelo que consciente ou inconscientemente me arrastava para onde me restasse eu só, eu, sozinho, a desfazer-me sem sentir na minha luta diária e obsessiva contra o pó a acumular-se por sobre minhas pobres e falsas raridades. Abstêmio aos apelos que vinham de fora (de fora!), ainda que só chegassem a mim através dos olhos e ouvidos dela. Ávida foi Romana em servir-me e buscar-me, a atrair-me tantas vezes para seus braços, enquanto furtava-me a qualquer convivência a mais com ela e atender seus desejos. No refúgio silencioso da lei-

tura e manuseio dos meus livros, no revisar e transportar e tocar e polir cada um daqueles pequenos destroços rebuscava-me, eu mesmo, e já perdido, sem saber por onde começar a busca, ou se desejava começar ou recomeçar alguma coisa.

Houve tempo em que ainda olhava com tristeza para Romana, achando, ao observá-la, sem que ela notasse, que me interessava por cada movimento e gesto seus. Custei a perceber o quanto seus movimentos denunciavam o inevitável (e como foram, pouco a pouco, antecipando seu afastamento), e não somente ela notava como me retribuía o olhar observador (ou seria um olhar devastado?), espreitando-me por sua vez pelas minhas costas (suponho), mas de qualquer maneira denunciando-se pelos gestos evasivos e olhares oblíquos. Sem usar de artifícios,

despistamentos, ao contrário: tudo fazia para que *soubesse* enquanto me observava... Muitas vezes ela ainda insistiu. Aproximava-se de mim sorradeira, com seus passos miúdos, para avisar-me com voz suave que o jantar estava para ser servido, ou que precisava sair para algum lugar, comprar coisas para repor na casa, ou que a água já atingira a temperatura ideal para o banho. Vagamente lembrava-me de quando costumávamos entrar no banho juntos, mas ela manteve o hábito de avisar-me da temperatura da água.

A mudança mais definitiva que notei em Romana, foi justamente na sua voz. De repente tornou-se áspera. Arestada. Isso quando ainda se queixava de minha ausência e desinteresse (acusava-me de autismo), ou vinha lembrar-me da existência do mundo lá fora. “É fase meu bem.

Paciência, vai passar. Entenda.” Eu lhe dizia, sem qualquer convicção. Inútil vir lembrar-me ela o que se passava na nossa rua, no bairro, na cidade, no mundo; tampouco dos acontecimentos a partir dos noticiários, do que se passava naqueles mesmos lugares que juntos percorrêramos. A conjuntura mundial, conflitos, atos terroristas, desemprego, a miséria, mais violência, o andamento (ou o desandar) da política nacional ou estrangeira: “Tudo acontecendo a toda hora, a todo instante pelo mundo afora, aqui mesmo em volta da gente e você nem se mexe!” Pouco depois, nem isso. Ela, de mais nada veio se queixar. Prolongava-me nos meus retraimentos e ocupações, sem sequer dar-me conta de qualquer padecer, fosse meu ou dela. Cansara-se de lembrar-me o telejornal da noite, dos programas

de entrevistas, de convidar-me a ouvir música, assistir algum programa de televisão a seu lado. Nunca mais um convite para o cinema, para irmos ao teatro. Para a nossa cama. Nada. Tornara-me um nada. Nadi-ficara-me. Não era mais que um objeto... A percepção do seu rosto, do seu semblante, só me trazia de volta o ar de menosprezo com que recompensava minha reclusão e alheamento.

Passei a sobressaltar-me com a idéia de que Romana poderia, a qualquer momento, apunhalar-me pelas costas. Desenvolvi o costume de virar-me de súbito, certo de flagrá-la no ato assassino, a mão ainda suspensa no ar. O que via era a agitação das partículas de pó em suspensão no ar que eu mesmo deslocava ao virar-me, trespassadas por uma réstia ou feixe de luz que alguma



fresta mal vedada deixara penetrar no aposento obscurecido. Não que as vezes, ao virar-me assim subitamente, não me deparasse com um par de olhos nada gentis a fitar-me, sem qualquer desejo identificável refletido neles.

Foi-se assim, sem aviso, sem qualquer traição, em busca do mundo circulante lá fora. Comigo, estagnava. Fase? Apenas registrou que meu silêncio, meu prolongado desinteresse por tudo, por ela, sentenciavam-na a uma morte em vida. Cansara-se de me assistir fuçando o nada. Não a detive. Sequer um gesto ou olhar: contive-me para que apressasse a partida. E a partir daquele dia – o dia de sua partida – a qualquer hora, não houve um só momento em que não sentisse sua presença, como se ela jamais tivesse deixando de existir a meu lado – posso ain-

da sentir seu hálito quente a acariciar-me a nuca, e por momentos fico à espera de ouvir sua voz a vir sussurrar-me alguma notícia, queixar-se de algo; na fantasia de que qualquer movimento meu a expulse novamente, imobilizo-me, e é assim que a faço permanecer. Não, Romana não é um fantasma: é a única parte que ainda insiste, viva, no meu interior, na minha vida. Por esses dias tenho encontrado sinais da sua breve permanência: são nítidas as pegadas deixadas por ela na poeira viscosa que vai se acumulando por todo o chão do apartamento.

# MILENA

Da caverna do nosso castelo na praia (a muralha de areia que havíamos erguido nos abrigava do açoite do vento que vinha do mar) onde nos escondíamos das perseguições da avó, vimos quando os dois homens (um branco e um mulato) jogaram o negro para fora do saveiro e ele caiu de bruços a se debater na água rasa da maré vazante; como não conseguia se levantar, os dois passaram a chutá-lo na direção das dunas, apro-

veitando-se os dois do movimento das ondas para rolá-lo com o menor esforço possível, até quando ele acabou de rolar igual o tronco de um coqueiro rola ao sabor das ondas naquela praia deserta, iluminada apenas por uma tênue fatia da lua nova e pelo longínquo cintilar das estrelas; vimos quando eles o ergueram e o negro tinha uma máscara a lhe encobrir metade do rosto e vimos que ambos os braços dele estavam voltados para suas costas nuas e as mãos estavam amarradas por uma corda que dava uma volta inteira em torno da sua cintura negra, e um outro negro ou mulato -- que desembarcara em seguida, não o havíamos visto até então -- tomava a extremidade solta da corda, a que parecia servir para guiá-lo na direção dos outros dois que iam mais à frente, ao mesmo tempo em que, se

aproximando do homem subjugado, levantando a ponta solta da corda, dela se valia ele para usá-la como chicote, sendo que este mesmo mulato (ou negro) não cessava de açoitá-lo, e assim obrigava-o a manter-se de pé e seguir adiante na direção dos outros dois homens apesar dos seus passos trôpegos, como se não passasse ele de um animal selvagem que tivessem capturado e daquela maneira impiedosa era como o conduziam; vimos quando os dois outros homens (o branco e o mulato) conferenciaram entre si e arrebataram a corda das mãos do outro mulato (ou negro) e o mandaram de volta para o barco e um deles disse elevando a voz fique lá tomando conta da porra do saveiro, e depois de ter falado assim os dois arrastaram o negro para cima da duna onde começava a fila dos coqueiros e o outro

disse aqui está bom, só queria ver a cara daqueles filhos-duma-puta quando encontrarem ele de manhã, e vimos quando mais uma vez o derubaram, dessa vez utilizando-se do que parecia ser uma estaca, e usando-a como um porrete o espancaram espancaram espancaram ali mesmo e o chutaram chutaram chutaram onde bem quiseram e vimos que chutavam mais no rosto e nas costas e no peito e novamente no rosto – o tempo do massacre durou uma eternidade se medido pelo esforço que eu fazia para não respirar, ou para que minha respiração entrecortada se confundisse com o murmúrio ininterrupto e cadenciado do mar – até quando se deram eles por satisfeitos e o abandonaram caído na areia e pareciam felizes por ter feito o que fizeram e diziam coisas que eu não entendia direito (o medo de ser-

mos descobertas me fez urinar enquanto tremia sem parar, mas eu nem me preocupava com isso e sim em não fazer o menor ruído) e ao mesmo tempo eles riam-se riam-se riam-se escancaradamente e entendi bem claro quando disseram só assim ficamos livres de filhos-dumaputa dessa espécie, o sacana teve o que merecia, vai servir de lição pros outros, agora vai ficar aí e virar pasto pros caranguejos e urubus, e falando o que eles bem queriam e sem parar de rir, afastaram-se e voltaram a entrar na água e embarcaram e partiram gritando ordens ásperas para o mulato (ou negro) que ficara tomando conta do saveiro, e só quando se distanciaram, saímos do nosso esconderijo, eu e Milena, então nos aproximamos do corpo do homem negro tombado na areia e fiz

com que Milena tocasse nele e ele não se mexeu.

Olhei bem de perto para o que antes havia pensando fosse uma máscara a esconder-lhe metade do rosto, mas não havia máscara nenhuma e sim uma grossa mordança feita de trapos que tinha começado a se desfazer em franjas e farrapos misturadas a coágulos de sangue e areia a lhe encobrir agora todo o rosto deformado, e aquele rosto, sim, era como uma máscara com olhos inchados projetados para fora das órbitas como os de um peixe morto, enquanto sua cabeça sangrava bastante: toquei nele (no rosto) e senti o sangue esguichar num jorro pegajoso por entre meus dedos: riscou o ar e circunscreveu um longo e ríspido jorro que com avidez foi sorvido, sugado, mal tocou na areia, e no ponto exato em que nela tocou, ali,



naquele ponto, a areia ficou subitamente opaca, sem refletir o brilho da lua nem das estrelas, então assustei-me quando o homem produziu um som, um longo estertor borbulhante e entrecortado por outros sons e silvos, como se das suas entranhas ou dele todo fosse brotar súbita explosão e viesse a recair sobre minha, nossas cabeças, um castigo que descesse dos céus ou emergisse dos infernos e nos atingisse e nos marcasse o corpo (e a alma) com o emblema malévolos daquela noite, marcando-nos assim para sempre pela nossa ousadia, e senti de novo a mesma sensação de medo que me fizera silenciar e tremer e urinar sem parar e Milena também teve medo, juro que teve, então nos agarramos num abraço e nos afastamos dali como dois grauçás assustados, a correr desorientadas e descalças

sobre a areia morna, açoitando-a sem querer com o movimento brusco dos meus pés, sobre o corpo do homem morto, ou melhor, do homem que julgávamos estivesse morto, e eu nem sentia que podia sufocar Milena, apertando-a daquele jeito contra meu peito, ao mesmo tempo em que lhe pedia por tudo de mais sagrado e que mais amasse nesse mundo ficasse calada, jamais dissesse para ninguém ninguém ninguém o que tínhamos visto nem o que fizéramos naquela noite, e Milena não dizia nada, somente me olhava (um par de olhos azuis que só sabiam olhar e piscar por detrás de suas longas pestanas de seda), tampouco ela disse coisa alguma quando desfiz com os pés a muralha do castelo que havíamos construído para nós duas naquela noite, o mesmo castelo tantas vezes construído, destruído e

reconstruído, (não passava de um buraco cavado na areia molhada da praia) onde nos refugiávamos da ira da avó, e somente quando não houvesse vestígio algum de que estivéramos lá, o abandonávamos – daquele nosso castelo, por uma última vez, antes que o destruíssemos, olhamos para além dele e de novo olhamos e vimos o quanto era real, real como se vivêssemos um pesadelo, aquele vulto negro e imóvel estirado ao pé do coqueiral –, portanto apressamos-nos em vestir nossos vestidos, porque eu estava nua e Milena também estava, era assim que nos refugiávamos dentro da nossa muralha, nuas, para que a areia não penetrasse nas dobras do tecido (os vestidos de Milena eram sempre iguais aos meus, modelados e costurados pela mãe com retalhos que sobravam quando ela os costurava para mim)

e não nos denunciasse, sim, estávamos nuas porque era como preferíamos ficar quando estávamos a sós sem que ninguém pudesse nos ver e censurar, e era assim, nua, que tantas vezes eu a mantinha apertada contra meu corpo e a sentia úmida e quente pousada entre minhas coxas, ou comprimida contra meu sexo, ou apertada contra meu peito, contra minha carne nua suave e macia e dourada pelo sol e tocada pelo vento –, ou melhor, depois que eu a vesti (era sempre eu que a vestia), voltamos correndo, esfogueadas, furtivas e silenciosas como duas sombras, para meu quarto, o quarto da nossa casa na vila, onde a velha e rabugenta avó não cessava de nos perseguir, isto é, cessou de nos perseguir, sim (mas não a mim), somente quando achou que havia definitivamente nos separado, e achamos melhor que ela

acreditasse que sim, que conseguira, e tudo o que tínhamos a fazer era esperar para que ela acreditasse que eu a esquecera em definitivo (a Milena), era a única maneira dela (da avó) jamais descobrir e assim nos impedir daquelas escapadas noturnas para o nosso refúgio no castelo de areia da praia agora tão distante, porque ela, a velha, insistentemente nos vigiava e nos separava, a implicar comigo pelo hábito de andar comer brincar dormir juntas, eu e Milena, abraçadinhas, cúmplices e confidentes como desde que me entendo éramos, as duas – a mãe, jamais nos separou –, até quando ela, a velha, entendeu que não era mais possível ficarmos juntas porque pecávamos contra Deus, contra a igreja, contra os homens, contra tudo, arrebatando-a de mim e para que eu a esquecesse, a Milena; desde então

me obrigava a ajoelhar-me com ela (com a avó) todas as noites antes de dormir, e a rezar as rezas do seu infundável rosário de contas e eu era obrigada a ouvir suas lamúrias e queixas e súplicas e graças e hosanas e salve-rainhas e atos de contrição e creio em Deus-padre e dezenas de Ave-Marias e agora e na hora da nossa morte, amém, e depois me repreendia, eram longos sermões e ameaças, eu não teria salvação, era uma perdida, perdida como minha mãe, uma perdida, está ouvindo, todas as outras crianças da vila se afastariam e não brincariam comigo jamais, eu, indigna, tudo isso entrando por um ouvido e saindo pelo outro, enquanto só olhava em volta, aflita, sem atinar em qual lugar da casa ela a havia escondido; mas sem que ela soubesse eu a havia reencontrado (a Milena) no fundo do velho armário

do quarto transformado em socavão de guardados que antes pertencera a minha mãe, em meio aos trastes mofados e quase decompostos pelo tempo foi onde a avó a escondera, de maneira que, após percorrermos todas as rezas de seu rosário e fingir que dormia, eu a retirava de lá e escapávamos, as duas, para nosso refúgio, o nosso castelo de areia, onde ficávamos a salvo dos olhos vorazes e ameaçadores da velha avó que viviam a buscar-me pelos quatro cantos da casa, também naquele socavão dos seus guardados, no quintal, ou por onde quer que fosse que eu estivesse, e vigiavam-me, a cada instante, mesmo quando eu estava entretida com os outros meninos e meninas, como ela mesma me incentivava, a correr e brincar com elas, os meninos e as meninas da vila, como ela queria, a velha – enquanto Milena

jazia esquecida entre trastes mofados e imprestáveis no fundo daquele socavão, ela julgando que eu de fato a houvesse esquecido, lá onde ela achava que o medo do pecado ou minha falta de argúcia não a reencontrariam nunca mais –, embora ela não soubesse que enquanto brincava com aquela turminha tinha o pensamento voltado unicamente para Milena, somente Milena, muito mais que antes, e cada passo que dava, cada sorriso, cada brincadeira consentida, tudo era, em pensamento, intensamente compartilhado com Milena (como esquecê-la?). Porque era impossível que alguém me separasse da minha querida Milena, mesmo sendo a avó, portanto era bom que ela continuasse pensando que assim escondida onde a escondera, estaríamos, ambas, protegidas e a salvo do meu amor; por causa



desse amor Milena fora violentamente arrancada dos meus braços, eu me desfazendo em súplicas e lágrimas enquanto ela, a avó, apenas lembrava-me de todos os castigos e dos ferros e das brasas dos infernos a consumir por toda eternidade o meu pobre corpo de menina frágil tomado pela febre e por todos os tormentos consequentes daquela separação: meu sono por noites seguidas foi inquieto, cheio de terrores e temores, o pensamento continuamente avassalado por imagens de todos os castigos que por dias e noites povoavam meus sonhos, e não satisfeita vinha ela, a avó, arrancar-me dos meus delírios (estaria eu possuída?), para que não pecasse mais, e me obrigava a ficar de joelhos com ela para exorcizar-me e arrepender-me do meu amor por Milena, ou do que quer que fosse de impuro e maldoso

conforme ela entendia, que me levaria mais de uma vez a escondê-la sob os lençóis de minha cama, quando tudo o que desejava era o consolo de somente sentir seu corpo colado na almofada macia do meu corpo, senti-la a compartilhar da minha carne e do pulsar do meu coração para só assim preencher-se e animar-se seu pobre corpinho mirrado com o calor do meu, ou para deliciar-me, enrubescida, sentindo que minha umidade a deixava também úmida e que meu rubor a aquecia, então éramos levadas por lembranças de mangabas e cajus suculentos, e de pinhas colhidas ao sol e do gosto agridoce das mangas e pitangas do quintal que sangravam abundantes ao baterem contra o solo, rachando-se em feridas como minha boca ferida rachada pela febre, aquelas pitangas rubras como o rubor das

minhas faces, não, não, manchadas de negro, não, como as negras manchas de minha alma, assim dizia-me a avó, sua voz áspera repetindo repetindo repetindo você é parecida com sua mãe o mal se corta pela raiz não vai crescer dentro da minha casa como uma perdida igual a ela, coitadinha, cuidado ela pode ouvir é só uma criança abandonada pela mãe – outra voz dizia, em minha defesa – , ela que ouça a mãe se foi pelo mundo como uma qualquer, sem saber jamais distinguir entre o bem e o mal – fosse lá o que queriam dizer com tudo isso, como mais tarde fui aos poucos entendendo e encaixando nos seus devidos ou indevidos lugares, mas pouco importando nada disso agora.

Tudo porque gostava de deitar-me nua com Milena, porque nuas nos divertíamos, como nos divertía-

mos naquela noite antes de assistirmos o homem ser espancado quando nos aconchegamos escondidinhas no nosso castelo de areia, e depois da visão do homem morto voltamos furtivas para meu quarto e nos atiramos juntas na cama, e na manhã seguinte não mais a encontrei ao meu lado, tampouco a encontrei no fundo do socavão onde ela (a avó) a escondia de mim, como nunca mais a encontrei em parte alguma da casa, inútil toda a procura, jamais voltei a vê-la depois daquela noite e muito menos voltei a tê-la nos meus braços, e na manhã seguinte, e por dias e dias depois daquela noite, nossa casa, a vila, todas as casas da vila, todas elas, transpiravam um ar estranho e eram estranhos os movimentos dos seus moradores cheios de pressentimentos: não nos deixavam (as crianças) sair para brincar

e os homens e as mulheres da vila pareciam evitar-se uns aos outros, embora quando conversavam o faziam entre sussurros, e a estranheza entre eles faziam-nos – assim me parecia – moverem-se como bonecos e bonecas amedrontados dentro das suas próprias casas, e desse mesmo jeito se comportavam nas ruas quase vazias da vila, e nada diziam nem comentavam diante de nós, ou melhor, diante de nós (as crianças) silenciavam e não nos davam nenhuma resposta nem explicavam o porquê de não podermos ir brincar fora de casa, nem chegar até a praia, muito menos colher os frutos selvagens dos quintais, cajus, pinhas, araçás e mangabas, e por dias e dias continuaram do mesmo jeito, insensíveis aos nossos apelos, como se conjurados pela premência do medo, refratários ao sentimento de indig-

nação que nos devastava e determinados ao silêncio diante de algo tão terrível que perturbava e ameaçava o recatado equilíbrio do cotidiano de suas vidas. De maneira que, diante desse algo terrível, tudo que achavam que precisavam e deviam fazer era dominar e controlar nossa agitação e curiosidade infantis, quando tudo o que conseguiram não foi outra coisa senão deixar-nos mais intrigadas, inquietas e curiosas, a suspeita percorrendo cada olhar, a invenção habitando cada pensamento, menos para mim, que do meu esconderijo no castelo de areia (não estará a própria vida sempre à espreita, vigilante, por sobre os muros de um castelo de areia?) tinha visto o homem negro ser assassinado – essa a palavra maldita que todos pronunciavam entre sussurros, primeiro os adultos, os homens, as

mulheres, chegando depois até às crianças aquela palavra antes impronunciável –, de maneira que continuei fingindo de nada saber, de nada entender, aquele segredo jamais foi revelado (nem por Milena), embora continuasse sem compreender, como ainda hoje é difícil compreender, tantas recriminações e ameaças e a evocação da avó de pecados e culpas por causa do meu amor por Milena, o íntimo elo entre uma menina e sua boneca, e mais o quanto terem eles se calado, a ponto de nenhuma voz ter jamais se levantado para exorcizar a violência que ceifara a vida de um deles, como também por nenhum deles ter se erguido contra o pecado e a culpa de se deixarem intimidar e nada terem feito diante do assassinato de um homem, o homem negro que vi ser assassinado naquela praia (como tantos

outros homens negros e brancos e mulatos que todos os dias são assassinados e cujos corpos jazem sobre areias, ou encobertos pela lama dos barrancos, ou tombados sobre a neve, ou em qualquer outro lugar desse mundo que a avó dizia ser de Deus), ou melhor, vimos, eu e Milena. E é por ela, a quem jamais esqueci, por ela a quem revejo perpetuada em cada novo encontro meu, ela, ressuscitada em carne e osso e desejo, em mim incorporada e exaltada de prazer em cada ritual para expiação dos meus pecados e das minhas culpas, as cometidas e as por cometer; por ela que está presente na convocação de cada novo pecado e de cada nova culpa; por ela que sinto como um ente próximo que vem comungar comigo o ímpeto fugidio de cada reparação, no sabor indizível de cada carícia insana e em cada doação do



meu corpo; por ela que me refaço em cada homem negro branco ou mulato por quem me apaixono como uma perdida e a eles me entrego, sedenta pelo jorro de vida que brota de seus corpos cansados suados, jorro que sorvo avidamente com o meu próprio corpo (igual vi naquela noite o sangue esguichado espojar-se e ser sorvido pela areia morna e generosa da praia), sedenta como sempre vivi tomada pelas lembranças daquelas noites da infância já tão distante.



O autor, Ricardo Brugni-Cruz.

# POR UMA NOITE COM LENA

Carlão disse que era pra gente ir até o Largo da Piedade, pegar o garoto, botar ele dentro do Volvo, e nos mandarmos de lá diretos pro sítio em Lauro de Freitas. Se a babá reagisse e algum problema pintasse no pedaço, pois aquela área era bem em frente à Secretaria de Segurança Pública, ficava por nossa conta resolver, contanto que ninguém se machucasse. Nem precisava avisar. Agiríamos com a máxima discrição,

e cuidados, como agimos; mesmo assim, avisei: em caso de um imprevisto, ninguém ia poder comigo, muito menos com Macambira, que além de bom motorista, era o melhor capoeirista da Bahia. Até rimos. Não carecia de tanta recomendação. Sequestrar foi bem planejado, não podia pintar sujeira. Carlão é um grande sujeito e o melhor pra todo mundo era que saísse tudo como ele queria. Como saiu.

Naquela época era assim, Carlão mandou, tava mandado. A gente só tinha que ir *lá* e cumprir o determinado por ele. Que se fodesse quem não gostasse. No caso do garoto, foi o que fizemos, tim-tim-por-tim-tim. Êta negão porreta! Sempre por cima da carne seca, nadando em dinheiro e esbanjando simpatia. Depois que entrou na política, não fazia outra coisa senão subir na vida, se botan-

do cercado de gente importante, cuidando do futuro dele e garantindo o dos amigos. Dos amigos verdadeiros, que são raros hoje em dia. Desses, ele jamais esqueceu. Eu, por mim, não posso me queixar. Limpou minha ficha na polícia e de quebra me recomendou pra ser secreta.

O caso do garoto podia ser considerado encerrado. Uma vez acomodado no banco traseiro do Volvo, o resto seria fácil: entregaríamos ele aos cuidados do avô. No sítio que Carlão havia comprado pro pai dele. Pra ele ter uma velhice descansada, Carlão comprou aquela beleza de sítio, onde o velho passou a morar. Aliás, nem sei se comprou. Se muito, pagou as custas da escritura. Um pechincha. O sítio, a bem da verdade, saiu foi de graça, por conta de uns pequenos favores a uns empreiteiros desonestos, pouco depois de

ele ter sido investido no primeiro mandato de vereador. Vereador dos bons, dos mais atuantes que conheci, só querendo o bem dessa cidade de Salvador e de seu povo, quem puder prove o contrário. Mas isto não vem muito ao caso. O caso é que o velhote já estava nos esperando para receber o neto que passaria a residir com ele. Chegamos lá, entregamos o garoto, e fim de papo. Missão cumprida!

Carlão quase chorou de alegria diante de mim e de Macambira. Arastou-nos para uma comemoração, relembrando os velhos tempos das nossas farras nos recantos mais famosos desta velha Cidade da Bahia. O garoto vive até hoje com o avô e apostado como deve ser um garotão bem cuidado, freqüentando bons colégios, cercado do bom e do melhor, como Carlão sempre fez ques-

tão de oferecer a ele. Só não é parecido com ele na cor, pois Carlão é preto retinto. Mas, posso jurar que é a cara dele com o tempero da mãe. Um mulato fino.

Lena, a mãe, era freqüentadora da boate Marajá. Garota pra lá de bonita, loirinha, fazia o gênero frágil, e o corpinho era um tesão. Ninguém ficava indiferente diante daquela beleza. Parecia uma escultura feita por artista de renome. Quase não usava pintura naquele rostinho. Não precisava. Quando ela deu as caras pela cidade, vinda do Maranhão, e passou a frequentar nossa boate preferida, as noites baianas ficaram mais coloridas. Carlão nem tinha entrado na política, éramos todos companheiros, só andávamos enturmados, metidos na boemia. O que mais distinguia Carlão do resto da turma, era o fato dele ser o mais

ambicioso de todos nós e muito tirado a finório. Conversador e antenado, fazia questão de bajular gente importante. Andou metido no negócio de arranjar mulher pra certos políticos. E isso fez muito efeito. Havia até um senador da República que era assim, assim, com ele. Carlão pra lá, Carlão pra cá. Carregou com ele pra Brasília uma porrada de vezes. Ele e aquela mulherada... O negão não descuidou de aproveitar das oportunidades que o figurão, agrdecido, lhe concedia. Nem de ter idéias. Daí pra entrar na política, foi um passo! Queria incrementar as noites baianas, pensava alto, mas faltava o principal: grana. Quando conseguiu, não sei como, a grana não foi mais problema. Os graúdos só ficavam com medo de aparecer nos projetos dele: bingos, boates, comissões disso e daquilo, alianças com



empreiteiros, mulheres, doleiros, o escambáu. Cá pra mim, foi bancando o testa de ferro que aquele negão se fez. Vereador por três vezes. Agora é candidato a deputado federal e apostado que vai ser um dos mais votados. Se Deus quiser.

Voltando a Lena, quando ele botou os olhos em cima dela, foi a conta. Gamação completa. Ela por ele também, nunca vi cara mais sortudo. Apareceu foi muita gente boa se babando pela garota, mas aquela ele soube segurar pra ele. Acompanhei toda a gamação deles de perto, me babando também por ela, mas disfarçando. Eu e o Carlão só andávamos juntos. Muita gente até pensava que éramos irmãos.

Carlão tanto se amarrou naquela garota que alugou um quarto e sala bacana pra ela. Em plena Avenida Carlos Gomes. Com vista pro mar.

Não deixava faltar nada naquele apartamento. E olhe que ele nem tinha a grana que tem hoje. Comparado com esses apartamentos modernos, talvez aquele não fosse grande coisa, mas era decente. Aos sábados íamos comer a feijoada maranhense que Lena preparava, o que chegou a se tornar quase um hábito entre nós. Pra não abusar da hospitalidade a gente comparecia levando umas coisinhas. Presentes pra cozinheira. Algumas amigas de Lena costumavam aparecer e sabíamos que ela recrutava garotas novas, ajudando Carlão naquele seu mister.

Nos comportávamos sem sacanagens, ninguém faltando com o devido respeito com as garotas, muito menos com Lena. Carlão tinha olho vivo pra essas coisas, não gostava de quem se excedia na confiança dele. Lena de vez em quando

me arrastava pr'um canto, curtia papo animado comigo. Gostava de mim, de minha companhia, me achava um cara legal e volta e meia dizia que confiava em mim porque eu era o melhor amigo do Carlão. O que é a pura verdade.

Quando Carlão se ocupava demais, estivesse ou não viajando, e não dava as caras, Lena aparecia lá na boate pra dançar, se divertir. Nada de xamego com homens. Mas ela era uma tentação, ninguém podia negar. Gostava de usar dessas blusas colantes, mini-saias provocantes, às vezes comparecia vestindo *jeans* da moda, justíssimos, deixando uma nesga do ventre de fora, o corpinho cada vez mais deslumbrante, e o fato de pertencer a um só homem, já tendo sido de vários, fazia dela ainda mais cobiçada. Aquela fidelidade a Carlão tecia uma aura de atração e

desejos permanentes em volta dela. Confesso que às vezes eu passava pela boate somente pra vê-la dançar, pra dançar com ela, me abstendo de qualquer outra intenção, o que não era fácil, como ela devia perceber. Outros caras pertencentes a nossa turma também faziam a mesma coisa, havendo confiança pra tanto. Carlão dizia não se importar, porque sabia que com a gente por perto ela ficava bem protegida durante suas ausências. Acontecia de algum desavisado dar em cima da garota, insistir pra sair com ela e querer apelar quando não conseguia nada. Ela sabia se safar, nisso era escolada, exceto quando o sujeito se tornava um estorvo. Nesse caso ela apelava pra qualquer um de nós, amigos do Carlão, sempre de prontidão pra intervir e engrossar, fosse o caso. Porém, justiça lhe seja feita: pro tanto

que perturbava a cabeça dos homens, até que dava em pouca confusão suas idas àquela boate. Não conto as vezes em que, me vendo chegar, ela se grudava a mim, até Carlão aparecer. Ou não aparecer.

Quem acabava ficando pra levar Lena de volta pro apartamento dela era eu. E fazia isso com a maior satisfação, porque queria muito bem a ela, porém nem sempre era uma tarefa tranqüila. Como todo casal eles brigavam e quando acontecia de estarem brigados, aquela loirinha ficava impossível. Acabava sobrando pra mim. O negócio era que Carlão não era sopa e volta e meia arrastava asa pra alguma lambisgóia. Porra, diante de Lena, qualquer outra zinha não passava de lambisgóia, e mesmo assim o negão vivia dando em cima de outras! Era insaciável. Mas, não era fácil enganá-la. Por

isso, quando o Carlão não aparecia com um bom motivo (geralmente a desculpa de algum compromisso político que o prendera por horas, até dias), era eu quem tinha de agüentar o mal-humor dela. Os ciúmes dela. Queria aprontar. Como vingança, dava mole pra tudo quanto era cara, provocando confusão. Partia numa peregrinação pela cidade inteira, na parte alta e baixa, fuçando boate em boate, da Ribeira até o Dique do Tororó, da Barra Avenida até Itapuã, à procura do homem dela. Eu que segurava a barra. No outro dia, mais serena, desabafava.

– Meu Nego não sabe o que é uma mulher apaixonada, Barão (Barão é meu apelido) – ela me dizia. – Não sabe como me maltrata, e acha que devo me dar por feliz e ficar orgulhosa ainda por cima, por ter um cara bacana como ele cuidando de mim.

Tudo porque já me conheceu nessa vida. Me sinto humilhada, Barão! Chorou e pediu que, naquele dia, dormisse lá no apartamento. Na sala.

No dia seguinte Lena me contou que estava grávida. Três meses. O filho só podia ser dele. Todo mundo sabia que o único cara com quem ela transava era Carlão. De modo que, na maior intimidade, ela veio e exibiu-me a barriguinha que já começava a empinar. Saiu de lá do quarto naquele bamboleado dela, somente de calcinha. Porra, que corpinho! Peitinhos de bicos rosadíssimos tinha aquela garota. Lindos, lindos! E uma penugenzinha dourada e suave que nascia no pé da barriga e escorregava pra dentro da calcinha, se revelava mais abaixo, bem visível através do tecido transparente da calcinha. Parecia um fino

bordado de renda tatuado no seu ventre, um capricho da natureza. Foi virando de costas e confesso que tive de ser muito macho pra me segurar: exibiu-me uma bundinha deliciosa, empinada, bem dividida, durinha, com duas covinhas marcando o início da cintura de vespa. Um não acabar mais de tanta beleza.

– Meu Nego já está sabendo, Barão, e daqui há de nascer um belo mulato! se Deus quiser. E terá olhos verdes – ela ainda acrescentou, dando uma alisadinha na barriga. Sentado eu estava, sentado fiquei. Ali, me segurando. Ela me perguntou se eu não achava que aquela cinturinha ia desaparecer por conta da gravidez. Morria de medo de seu corpo se deformar. Disse que em nenhum momento pensou em abortar.

– Seu corpo vai ficar legal – eu disse, sentindo minha voz rouca,



diferente. Pigarreei forte, pra disfarçar. Até o pigarro soou estranho.

Algum tempo depois daquele filho ter nascido, Lena me chamou ao apartamento e disse que haviam rompido, em definitivo. Contou-me, magoada, que Carlão lhe fizera uma única exigência pra reconhecer aquele filho: Beto – como era chamado o garoto. Devia ser criado por ele. Por ele, não; na verdade seria criado pelo pai dele, o avô de Beto. Atirou-lhe na cara que não ficava bem pra um homem na posição dele ter filho com uma... bem, com uma mulher como ela... da vida. Além do mais revelou-lhe que estava para ficar noivo de uma garota de família. O casório aconteceria dentro de alguns meses.

– De família, Barão! Garota de família! Depois disso não nos vimos mais – ela disse. – Meu Nego afirmou

que continuará pagando o aluguel do apartamento. Ainda exige que não bote homem dentro de casa. Enquanto ele estiver pagando. O aluguel ficaria por conta de quem ela *arranjasse*.

Deixei que chorasse pousando a cabeça no meu ombro.

Passei a ir ao apartamento dela com mais frequência. Pra dar uma força. Lembrava a Carlão das responsabilidades dele com o aluguel, e que não seria demais uma pequena pensão à Lena, por ter parido um filho dele. Me olhou atravessado. Beto foi crescendo, já me conhecia o moleque, tanto que quando eu me anunciava vinha correndo, deixava pra lá o que estivesse fazendo e se encarpitava no meu colo. Nessas ocasiões era raro encontrar Lena acordada, ou mesmo em casa. Deixava o dinhei-

ro das despesas com a babá. Quando acontecia de encontrá-la, conversávamos, ríamos um bocado relembrando os bons tempos. Uma coisa ela nunca mais se lembrou: de me mostrar como havia ficado aquela cinturinha, depois da gravidez...

– Amigo fiel como você, Barão, Meu Nego jamais terá outro igual – ela continuava chamando Carlão de Meu Nego.

Outras vezes ia encontrá-la na boate Marajá. Era raro, no entanto, que estivesse disponível para dançarmos juntos, como antigamente. Ela precisava ganhar a vida e retomara sua velha atividade. O que eu escondia de Carlão.

Pra mim não foi nenhuma surpresa quando Carlão veio com aquela história de sequestrarmos o filho deles.

– Não tem outro jeito, Barão, de resolver esse assunto – ele disse. – Não posso levar o caso à Justiça, pode dar em escândalo. Não me convem. Compreenda.

Comprendemos, eu e Macambira.

Quando saltei do Volvo, Beto, logo que me viu, soltou-se da mão que o segurava e disparou pra cima de mim, nem ligou pro brinquedo com o qual pretendia atrain-lo. Quem assistisse a cena podia até pensar que eu era o pai. A babá foi quem estranhou ao me ver aparecer assim, perturbando seus cuidados. Por via das dúvidas, mandei Macambira ficar com o motor do Volvo ligado. Fui levando o garoto pela mão até o carro, botei ele sentadinho no banco traseiro. Chamei a mulher pra um particular. Disse a ela que ia levar Beto pra o pai dele, que ela podia

dizer pra mãe que fui eu quem pegou ele a mando de Carlão. Fui dizendo e passando um bolo de grana pra ela. Enfiou tudo no decote do vestido. Nem chiou.

Claro que contei de modo um pouco diferente pro Carlão. Não é que queira ser vaidoso, mas não sou nenhum crioulo burro e sei enfeitar as coisas, como os políticos fazem, pra valorizar o feito e tirar mais proveito dele. Tampouco preciso dizer que só usei metade da grana que ele tinha me dado pra facilitar o assunto com a babá.

Naquela mesma tarde entendi de visitar Lena no seu apartamento. Sua cara não estava das melhores. Sem falar nada me passou o bilhete da babá, que não teve coragem de enfrentá-la. Enquanto Lena dormia, a mulher fez a trouxa com os pertences dela e se mandou. Escreveu

uns garranchos avisando que eu tinha levado o garoto à força. Naquele momento me deu até tontura de não saber direito o que estava fazendo ali. Aos poucos, porém, me recobrando, fui lhe contando como tudo tinha se passado. Reforcei meu relato contando as boas intenções de Carlão de bem criar e educar o filho deles. Teria um lar, educação. Tudo do bom e do melhor. Nesse ponto Lena partiu pra cima de mim, num histerismo, me acusando de ter abusado da confiança dela pra lhe roubar o filho. Chamou-me de filho da puta desalmado, negro sem coração, capacho, do diabo. Grudou-se comigo, unhas e dentes, e enquanto me xingava e me chutava as canelas, não parou de esmurrar-me o peito. Deixei me bater o quanto quisesse. Depois, por ela mesma, foi diminuindo, diminuindo, até converter toda

aquela fúria numa seqüência de golpes inofensivos e toda gritaria virou um choro baixinho, para tornar-se uma espécie de rosnado contínuo, incontido, como o de uma pantera que aos poucos cedesse aos carinhos do domador.

Ficamos ali em pé, abraçados. Silêncio quase completo, não fosse o murmúrio do trânsito morrendo lá por baixo da avenida Carlos Gomes, em frente ao prédio, anunciando o final da tarde.

– Sabe, Barão – ela disse, rompendo o silêncio, mais calma, e ainda abraçada a mim – nem vou protestar. Carlão agora é um homem poderoso, e uma mãe deve querer o melhor pro seu filho. Meu Preto podia ter tido um pouco de humildade. Bastava vir aqui, pessoalmente, e me pedir a guarda de Beto, acertar as coisas comigo, me deixar sentir,

olhando bem dentro dos olhos dele, esse desejo do nosso filho ser criado por ele. Ou pela família dele. Era só o que eu queria, e acho que merecia. Por tudo o que vivemos juntos. Não acha que eu merecia? Desgarrou-se de mim e ficou em silêncio, cabisbaixa.

Caminhou até a janela que dava para o mar e ficou olhando o colorido do horizonte que aos poucos se apagava, depois do pôr do Sol. Vi que o tecido do vestido que ela usava era fino e lhe contornava bem os quadris. No instante seguinte ela voltou-se e seu olhar fixou-se em mim. Eu não perdia um único movimento dela. Olhei-a de alto a baixo. Continuava com o belo corpinho que Deus lhe dera, de antes da gravidez. Mais bonito, talvez. Adivinhei um par de pernas bem torneadas, subindo ao céu, a partir daqueles tornozelos



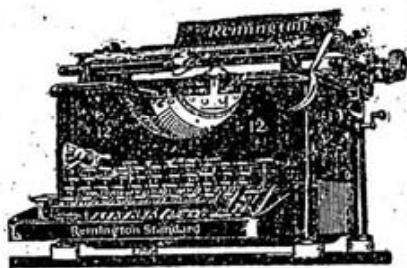
afilados. Exibiu-me um sorriso matreiro e, sempre sorrindo, despiu-se. Possuía todo o esplendor de uma escultura viva.

– E aí, Barão, você continua sendo o melhor amigo do Carlão? – ela perguntou, agora só de tanguinha, uma tanguinha de nada, fina e transparente. Senti um toque irônico na pergunta, mas não liguei. Meu olhar prendeu-se naquele bordado de renda a transparecer através do tecido transparente da tanguinha. E foi com o andar de pantera domada que Lena veio vindo na minha direção.

Lá fora o anoitecer avançava, a penumbra invadira o interior do apartamento, cobrindo-nos como um manto mágico. Adivinhei algumas estrelas despontando no negrume do céu. Desejei que aquela fosse a noite mais longa da história do mundo.

# Remington

A machina de escrever SILENCIOSA



Além de oferecer todas as vantagens, sendo a melhor, a nova REMINGTON « 12 » é silenciosa.

Essa é a machina que V. S. tem notado a falta no seu gabinete de trabalho.

Peça uma demonstração pratica sem compromisso, ou prospectos illustrados á

**“CASA PRATT,,**  
**Praça da Sé, ns. 16 - 18**

Caixa Postal, N. 1419 -- SÃO PAULO

# OBRAS DO AUTOR

*Roteiro para uma Tempestade.* Contos. Salvador, Literarte, 1982.

*Benditos Perversos.* Contos. Fator, 1990.

*Todas as Luzes do Mar.* Contos. Salvador, Selo Editorial Letras da Bahia; Fundação Cultural do Estado da Bahia; EGBA, 1998.

*A Vingança de Xangô.* Romance. Salvador, Selo Editorial Letras da Bahia; Fundação Cultural do Estado da Bahia; EGBA, 2004

*A Vida Pgressa de W. Quintella.* Romance. São Paulo, Editora 24horas, 2006.

*Resta o Pó e Outros Contos.* São Paulo, Nelpa, 2013.

**PARTICIPAÇÃO  
EM ANTOLOGIAS:**

*12 Contistas da Bahia.* Rio de Janeiro, Record, 1968.

*4 Estórias do Mercado Modelo.* São Paulo, GRD, 1971.

*K Iugú of Rio Grande.* Moscou, Molodaya Guardia, trad. Helena Riánsova, 1973.

*O Moderno Conto da Região do Cacaú.* Itabuna, Edições Antares, 1978.

*Novos Contos da Região Cacaueira.* Itabuna, Horizonte/Editora Pacce, 1987.

*Contos do Brasil Contemporâneo* (Volume VI). Brasília, Edição Revista Brasília, 1990.

*O Conto Baiano Contemporâneo.* Salvador, EGBA, 1995.

*Itabuna, Chão de Minhas Raízes.* Salvador, Oficina do Livro, 1996.

*Antologia Panorâmica do Conto Baiano – Século XX.* Ilhéus, Coleção Nordestina; Editora da UESC, 2004.

*Histórias dos Mares da Bahia.* Organização de Cyro de Mattos. Ilhéus, Coleção Nordestina, EDITUS, 2016.

*Coletânea Concurso Literário Felipe D’Oliveira.* Santa Maria-RS – Premiados em 2016 – Primeiro Lugar em 2016 com o conto “Milena”.



“Ensaio com um amigo”.  
Tela do pintor norte-americano  
Scott Harding

# COLEÇÃO TEAL

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela pouco usada cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

Os e-books são diagramados no formato de 12 centímetros de largura, por 20 de altura, na fonte *Amer Type Md BT*, corpo 13 a 15, nas cores branca e preta, tornando a leitura visualmente cômoda.



Editor:  
Cid Seixas

Tipologia: Amer Type Md BT, 15.  
Formato: 12 x 20 cm.  
Número de páginas: 82.

Copyright 2018

<https://issuu.com/ebook.br/docs/brugni>  
<http://www.e-book.uefs.br>  
<http://www.linguagens.ufba.br>



Este livro eletrônico é o sexto da “Coleção Teal”. O primeiro trouxe um diálogo entre Franklin Machado e Guido Guerra intitulado *Feira não perdoa quem não aceita convenção*. O segundo volume é constituído pela narrativa *O bocado não é para quem faz*, de Euclides Neto. O terceiro tem como tema e título – *Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*. O quarto volume, intitulado *A timidez escondida*, contém um diálogo entre Guido Guerra e Cid Seixas. O quinto, *Nos Tempos do Trabuco*, é formado por quatro contos de Cyro de Mattos.

# TRÊS HISTÓRIAS

No dia seguinte Lena me contou que estava grávida. Três meses. O filho só podia ser dele. Todo mundo sabia que o único cara com quem ela transava era Carlão. De modo que, na maior intimidade, ela veio e exibiu-me a barriguinha que já começava a empinar. Saiu de lá do quarto naquele bamboleado dela, somente de calcinha.

<https://issuu.com/ebook.br/docs/brugni>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL